

A ENCICLOPÉDIA

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura inserir-se em um programa maior cuja finalidade precípua é restabelecer os liames históricos que pouco a pouco estamos deixando escapar. O primeiro e mais fatal passo para promover a alienação de qualquer instituição é cortar dela os vínculos e os elos de sua trajetória. O resultado é esse aí que estamos todos vendo, que aponta para um futuro sem futuro, marcado por um presente dominado pelo imobilismo, em contraponto com um passado direcionado à construção social, com tonalidades marcadamente progressista e evolucionista. Por conta de uma cultura sorrateiramente implantada, baseada na “exigência” de crenças, na “estrita observância” dos seus rituais, nossa instituição deixou de ser pró-ativa e tornou-se reativa, andando a reboque dos acontecimentos. E, para começo, é justamente contra esses dois alvos que precisamos direcionar nossa ação resgatadora. Todo maçom é um livre pensador e livre pensar significa desembaraçar-se das crenças fundamentadas na magia e na superstição, notadamente as mais arraigadas, e, munindo-se da necessária coragem, buscar o que convenciamos chamar de verdade/realidade. Crença é diferente de busca. Enquanto aquela, por motivos que vão da inaptidão para pensar à preguiça mental, é querer que a realidade seja como a concebemos, esta implica coragem para vivenciar o drama da Iniciação, que visa dotar o Ir.: da autonomia necessária que o capacite a compreender a vida, em todos os seus universais significados. Lembrando que o que se busca, o que se procura, é por definição aquilo que não se conhece, e não é possível, coerente e lógico, decidir “a priori” o que e como deve ser o desconhecido. Então, essa busca deve situar-se fora da orla do mágico, do místico, tendo como método e guia a racionalidade científica.

Quanto aos Rituais, não há como lhes tirar a devida importância, mas isso não significa desconhecer que não se pode elevar à categoria de fim aquilo que é meio. Quando ignoramos essa realidade, significa, no mínimo, que de há muito perdemos a noção de direção e sentido.

O resultado são as nossas ordens do dia esvaziadas, fruto de nossas reuniões sem propósitos, com auto determinação minada e o desvio de finalidade materializado em expressões como “egrégora”, “bons fluidos” e outras ainda menos abonadoras.

É chegado o momento de modificar esse triste quadro por todos que aqui estão e, além do estão, sentem que são e, justamente por sê-lo, esforçam-se por buscar nas nossas melhores tradições a motivação que nos leve a estimular a prática da ação transformadora justificadora da nossa opção, se verdadeira.

Ir.: J.: Francisco Simas (M.:I.:)

PRIMEIRA PARTE

A “Enciclopédia” de Diderot e D’Alembert era a obra suprema do Iluminismo. Era perigosa, já que registrava o conhecimento segundo os princípios filosóficos expostos por D’Alembert no “Discurso Preliminar”. Eles deixavam claro que o conhecimento provinha dos sentidos e não de Roma ou da revelação. O grande agente ordenador era a Razão, que combinava as informações dos sentidos, trabalhando com as faculdades irmãs memória e imaginação. Assim, tudo que o homem conhecia derivava do mundo que o cercava e do funcionamento de sua própria mente.

Eles sabiam que era arriscado intrometer-se na concepção do universo e, por isso, disfarçaram com subterfúgios, ironias e falsos protestos de ortodoxia. Mas não escondiam a base epistemológica de seu ataque à velha cosmologia. Pelo contrário, o “Discurso Preliminar” explicitou-a em uma breve história da filosofia que estabelecia a linhagem intelectual dos filósofos e arrasava, de um lado, o Tomismo ortodoxo e, do outro, o cartesianismo neo-ortodoxo, deixando ilesos apenas Locke e Newton.

Assim, Diderot e D’Alembert apresentaram sua obra como uma compilação de informações e um manifesto filosófico. O enciclopedismo é a fusão desses dois aspectos, os dois lados de uma mesma moeda. Não era uma chamada à revolução, era um produto do seu tempo, da França dos meados do século, época em que os autores não podiam discutir abertamente as questões sociais e políticas, em contraste com a época pré-revolucionária quando um governo vacilante permitiu maior liberdade de expressão.

A obra pretendia ser um dicionário “raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios”, isto é, medir toda a atividade humana com padrões racionais e, assim, fornecer a base para reinterpretar o mundo.

Diderot encerra sua participação na Enciclopédia em 1772 quando produz o último volume de ilustrações. Não se conhece o local da primeira produção dela, onde ela foi vendida e quem a comprou. A grande massa de Enciclopédias na Europa pré-revolucionária provinha das edições “in-quarto” e “in-octavo”, menos dispendiosas e impressas entre 1777 e 1782. Entre 50 e 60 por cento das cópias na França eram “in-quarto”. Para os mais abastados, foram vendidas “in-folio”, ricamente adornadas.

A DIFUSÃO DO ILUMINISMO

Em outubro de 1748, chegaram à França dois volumes de uma obra impressa em Genebra – “O Espírito das Leis – de Montesquieu (iniciado em 12 de maio de 1730 na Loja “Horn Tavern”, Or.: de Westminster; a partir de 1735, passa a frequentar a Loja “de l’Hotel de Bussy”. Or.: de Paris). Naquele mesmo ano foram publicados “O Homem Máquina” de La Metrie, o “Ensaio sobre o Entendimento Humano”, de David Hume (iniciado na Loja Saint Mary’s Chapel, Or.: de Edimburgo) e “Clarisse Harlowe” de Richardson. Em 1749, ainda acesa a polêmica sobre o “Espírito das Leis”, Buffon publicava o primeiro volume de sua “História Natural”, enquanto Diderot e D’Alembert eram chamados a dividir entre si o trabalho de editar a “Enciclopédia”. Em 1750, Rousseau escrevia seu “Discurso sobre as Ciências e Artes”.

Em algumas dezenas de meses, como se a história houvesse enveredado por um atalho, surgiram ou foram anunciados os monumentos intelectuais do Século das Luzes. Da Ciência Política, com Montesquieu; das ciências da natureza, com Buffon; da nova gramática do saber, com a “Enciclopédia”; da crítica da civilização, com Rousseau e o da nova sensibilidade romanesca com Richardson.

Buffon, percebendo que sua obra era puro combustível, solicitou o apoio do Conde de Maurepas, ministro de Estado e iniciado em 1737. Sua obra era um novo discurso sobre o método, que rompia com o cartesianismo e descrevia tranqüilamente a história de um mundo sem a presença de Deus. Mas... voltemos a enciclopédia.

As folhas impressas da Enciclopédia percorriam um longo caminho antes de chegar às estantes dos leitores. A maior parte passava por Lyon, por um estabelecimento que acabou notabilizando-se, o estabelecimento do Sr. Duplain.

Em 1777, passara a ser considerada a corporificação do Iluminismo. A obra gerara tanta controvérsia que os responsáveis pelas últimas edições não precisaram preocupar-se em divulgar-lhe o nome. De fato, esse próprio nome era usado como estratégia de vendas por outros editores que, procurando aproveitar-se do sucesso da obra, apresentavam seus livros como “enciclopédias”. Em 1770, houve um surto de pedidos de autorização para publicação de obras enciclopédicas: Enciclopédia das Matemáticas, Enciclopédia Médica, Econômica, etc. O tipo de enfoque nos argumentos de vendas dos editores indicava a maneira como eles esperavam que ela interessasse ao público leitor. Poderiam apresentá-la como uma magnífica obra de referência ou como um Manifesto do Iluminismo.

Uma “Encyclopédie” “in-quarto” na estante demonstrava a excelência de seu possuidor, em três aspectos: como um homem de bom gosto, um homem culto e um filósofo. Longe de ser incompatíveis, esses papéis se complementavam mutuamente e, o melhor de tudo, eram fáceis de encarnar. Diderot e D’Alembert abriram trilhas tão agradáveis por entre as áridas vastidões do conhecimento que bastava seguir por onde eles indicavam, parando aqui e ali para apreciar as amenidades do caminho, e ainda ter a satisfação de pertencer à vanguarda intelectual. Nem era preciso ler outros livros, pois “l’Encyclopédie” era em si mesma uma biblioteca. Os editores não arrolaram as obras que ela tornou obsoletas, mas quem consultasse o “Discurso Preliminar”, não teria dificuldades para distinguir entre os indigestos volumes do conhecimento tradicional e o enxuto modelo moderno. O conhecimento moderno era sinônimo de Iluminismo e o prospecto deixava isso bem claro, não só invocando a razão e a marcha progressiva da filosofia, mas também atribuindo o conhecimento à operação das três faculdades: memória, razão e imaginação, exatamente como o Sr.: D’Alembert (*) fizera no “Discurso Preliminar”. Mas o prospecto inseria esses argumentos sutilmente, sem fanatismos por Bacon, Locke ou Newton, e sem a retórica sobre reduzir a pó a superstição. Em vez de salientar o desafio da Enciclopédia aos valores estabelecidos, ele enfatizava a facilidade em tornar os assinantes, simultaneamente, cultos e progressistas. Entretanto, longe de evoluir para uma obra de referência neutra, ela permaneceu um anátema oficial até a Revolução.

Há, entretanto, que se fazer uma observação pertinente: como pôde aquela obra que, já na primeira publicação, foi recebida com um grande grito de horror continuar sendo reeditada sucessivamente, mesmo sendo um anátema oficial? Há duas principais respostas e elas envolvem a política. Primeiro, de natureza ideológica, a grandeza de um rei era medida “também” pela prosperidade do reino e dos súditos. Era indispensável garantir o enriquecimento de todos os setores, até porque os livros, que na França eram vetados, eram produzidos no exterior e na França entravam por contrabando. Lembrando que a teoria

econômica vigente era a Mercantilista. Segundo, a Inglaterra tentava introduzir em território francês uma cópia do seu notável dicionário “Cyclopedia, or Natural Universal Dictionary of Arts and Sciences”, de Ephraïm Chambers. A publicação daquela obra na França representava uma rachadura na hegemonia francesa nas esferas do idioma e da criação intelectual. A Europa falava francês e era impensável que o mais atual dos dicionários estivesse em língua inglesa, justamente a maior adversária da francesa naquela ocasião. Já que estava na hora de se fazer um balanço do que o século XVII havia produzido cientificamente – Cem anos depois do “Discurso sobre o Método”, sessenta anos depois dos “Princípios Matemáticos de Filosofia Natural”, de Newton e do “Ensaio sobre o Conhecimento Humano”, de Locke -, esse balanço deveria ser feito sob o patrocínio do Rei de França.

Mas, isso não significa afirmar que não houve retrocessos. Devido à obra do Ir.: Helvetius (Loge Les Sciences) (**), “De l’Esprit”, o Conselho Real revogou a “carta de privilégio concedida em 1746 para o livro intitulado l’Encyclopédie”. Sob a vigência de tais golpes, o movimento dividiu-se naturalmente. De um lado, Diderot e o último pelotão dos que lhe permaneceram fiéis. Os Ir.: Marquês de Jacourt (Loge Saint-Jean d’Ecosse du Contrat Social), o barão d’Holbach (Chevalier Maç.: Elu Coën d’Univers), Malesherbes (Loge Les Neuf Soeurs), Helvetius (Loge Les Sciences), decidiram que, apesar de tudo, terminariam a obra.

Do outro lado, além de Voltaire (Loge Les Neuf Soeurs) e D’Alembert, estavam também Turgot, o Ir.: Marmontel (iniciado em 1777 ou 1778 na Loja “Les Neuf Soeurs”.), e Morellet, todos eles colaboradores dos primeiros volumes que, para escapar à perseguição oficial, preferiram afastar-se definitivamente daquele empreendimento, sem, no entanto, ficar caracterizado uma ruptura.

PREÇOS E CONSUMIDORES

Os livreiros gostavam da Enciclopédia porque seus clientes a compravam. Mas quem eram esses clientes e em que grau a obra penetrou no mundo?

O tamanho e o preço da Enciclopédia foram diminuindo à medida que ela progrediu de edição para edição. Enquanto o formato reduziu-se do “in-folio” para o “in-quarto” e deste para o “in-octavo”, o preço da assinatura caiu de 980 libras para 840, 384 e 225 libras. Ao mesmo tempo, aumentou o tamanho das tiragens, de 4.225 cópias, no caso das duas edições “in-folio”, para mais de 8.000 nas de “in-quarto” e de 6.000 nas de “in-octavo”. Após satisfazer o mercado da qualidade, os editores procuraram atingir um público maior, produzindo em quantidade. A edição “in-quarto” foi produzida às pressas e fundamentou-se na economia. Parece descuidada em comparação com as suas anteriores “in-folio”. A “in-octavo” foi ainda pior: posta do lado de suas irmãs, ela parece uma pobre enteada, maltrapilha, manchada e mal cuidada. Os editores não só eliminaram o supérfluo, ao reduzir os custos, mas também adequaram a obra à mais ordinária livraria de província. Passou de um extremo a outro. Suas metamorfoses tipográficas indicam que, após ser originalmente editada para uma elite de grandes senhores e homens cultos, ela penetrou nos mais remotos setores do público leitor. As cartas dos livreiros da época evidenciam que ela atingiu todas as partes do continente europeu, tendo, até mesmo, cruzado o oceano. Thomas Jefferson e Benjamin Franklin foram consultados sobre a viabilidade de estabelecer um entreposto da Société Typographique de Neuchâtel (STN) nos EUA. Jefferson comprou duas

coleções, uma para seu uso próprio e outra para uso público. Convém ressaltar que Benjamim Franklin sucedeu o sábio Lalande no Veneratório da “Loge Les Neufs Soeurs”, Or.: de Paris, do Rito Moderno, vanguardeira do pensamento Iluminista Francês. No Brasil, foi encontrado um exemplar na casa do Cônego Luís Vieira da Silva, inconfidente mineiro.

A LEITURA

Em 1756, aumentava em Paris o número de obras publicadas – com ou sem autorização – aumento esse que seria uma constante até o final do século. Havia uma forte pressão de demanda por livros, elevando o nível geral do conhecimento. Mas esse crescimento, ainda que socialmente limitado – ou talvez porque permanecesse socialmente limitado – funcionava como o multiplicador de uma verdadeira sede do saber. Aqueles que, afinal, haviam conseguido aprender um pouco, desejavam, agora, aprender muito mais. O conhecimento se tornava objeto de prazer, instrumento de domínio do mundo e sinal de excelência mundana, por modesto que ainda fosse seu colorido de elegância e esclarecimento. O historiador Pierre Lepape, em sua obra “Voltaire”, afirma que “(...) Os aristocratas, como os notáveis, como os técnicos, continuavam freqüentando as academias, mas, salvo as exceções, já lá não iam para se exibir e sim para fazer pesquisa e reflexões sobre a natureza, o homem e a sociedade”.

Aquela sede, quase insaciável, crescia sem que a oferta pudesse ser atendida. Primeiro, porque, apesar de certas melhorias técnicas, a tipografia era excessivamente contida pelo espírito corporativo e, como conseqüência, incapaz de responder à explosão da demanda. Segundo, a censura e os obstáculos administrativos, cuja prática – face ao crescimento – exigia mais sofisticação, aumentavam ainda mais a tensão entre a relativa escassez de oferta e a promessa de aventura e libertação que a escrita despertava. A leitura tornava-se paixão coletiva, que se consumava na apropriação individual. “Em torno do livro começa a se organizar um culto de iniciados, que não era promovido pelos doutores e nem pelos sábios, mas pelos fiéis.” (idem, *ibidem*).

Especificamente, em relação à Enciclopédia, o professor Robert Darnton efetuou várias pesquisas nos arquivos suíços que guardam as cartas dos livreiros e, segundo ele, estas revelaram a expansão da obra, mas não revelaram muito a respeito do último estágio de vendas. Entre a venda e a leitura há um hiato que não pode ser preenchido, pois é impossível saber o que se passava na cabeça dos leitores. Algumas cópias podem nunca ter sido lidas, embora a maioria delas, provavelmente, tenha tido muitos leitores – membros dos “cabinets litteraires”, amigos dos assinantes e até mesmo seus criados. O certo é que todas as Lojas Maçônicas estudavam a Enciclopédia, ainda que, segundo o Ir.: Historiador José Castellani, fossem privilegiados o estudo e a discussão do “Du Contract Social” de J.J.Rousseau. Depois, segundo o professor Darnton, de quem retirei parcela considerável desse resumo, naquela época o hábito de emprestar livros era muito maior, mas muito maior, do que hoje e, naquela época, a leitura pode ter sido uma experiência diferente – menos apressada, mais reflexiva, no geral uma atividade absorvente. Os homens de posse, de então, viviam para o lazer, e outros meios de comunicação não competiam com os livros. Um visitante alemão em Paris (Sellius, editor de Dantzig) observou... “todo mundo lê em Paris (...) lê-se no carro em passeio, nos teatros nos entreatos, no café, no banho. Nas

Lojas, as mulheres, crianças, trabalhadores, aprendizes lêem, os lacaios lêem atrás dos carros”. É claro que com isso não se pode inferir que a Enciclopédia era lida dessa maneira onívora, até porque sua extensão e organização alfabética inviabilizavam sua leitura de ponta a ponta. Panckoucke, o maior empreendedor da Enciclopédia, afirmava que ela seria sempre o primeiro livro de toda biblioteca e de todo gabinete, mas ela pode ter sido usada com o propósito de ostentação e não de leitura. De fato, ele ficou sabendo que alguns assinantes de Lyon eram analfabetos, no entanto, se eles usavam suas edições “in-quarto” para impressionar suas visitas, esse comportamento indica a importância da obra e não sua ineficácia, pois parece significativo que tê-la na estante pudesse conferir prestígio, tal qual possuir um falso brasão ou um “de” artificial acrescido ao sobrenome (aliás, artifício utilizado por Robespierre até bem pouco antes da revolução). Talvez, em 1780 o prestígio se houvesse transferido para o Iluminismo, nascendo um novo fenômeno, o esnobismo intelectual.

Seja como for, a Enciclopédia exibida na estante deve ter proclamado, além da erudição de seu proprietário, suas opiniões progressistas, pois ninguém no século XVIII poderia ter ignorado o caráter notoriamente ideológico da obra. Todos os escritos contemporâneos sobre ela – do “Discurso Preliminar” aos ataques e à publicidade – salientaram sua identificação com o Iluminismo. Os leitores, os que efetivamente a liam, procuravam no texto tanto a “philosophie” quanto as informações. “É difícil acreditar que os leitores setecentistas não buscassem informações na Enciclopédia, mas seria um anacronismo supor que eles a usavam da mesma maneira que os leitores de hoje em dia consultam as enciclopédias atuais” (idem, *ibidem*).

Diderot e D’Alembert tencionavam informar e ao mesmo tempo iluminar o espírito. Sua estratégia básica consistia em argumentar que o conhecimento, para ser legítimo, tinha de ser filosófico; parecendo meramente fornecer conhecimento, eles atacavam a superstição. Distinguir entre os aspectos filosóficos e informativos da Enciclopédia é separar o que os autores tencionavam fazer inseparável e interpretar erroneamente o significado da obra para os leitores.

O último ato do empreendimento da edição “in-quarto” teve início em outubro de 1778. Naquela altura, Panckoucke e seus sócios já haviam escorraçado enciclopedistas rivais surgidos em Gendres, Avignon, Toulouse, Lyon, Lausanne, Berna e Liège. Sua própria Enciclopédia evoluiu de projeto em projeto e de edição em edição, tornando-se a cada fase mais lucrativa e mais difícil de administrar. Por um momento, no verão de 1778, quase lhe escapou do controle. Mas o acerto da disputa contratual em 10 de outubro de 1778 pareceu possibilitar aos editores “in-quarto” levar a bom termo “o mais belo empreendimento jamais feito no ramo literário”.

COMPLEMENTO À PRIMEIRA PARTE

Quanto à questão da supremacia da razão, a Enciclopédia defendia o argumento graficamente, com a gravura de uma árvore do conhecimento, mostrando como todas as ciências originavam-se das três faculdades mentais. A filosofia compunha o tronco central da árvore, enquanto a teologia foi deslocada para um tronco remoto vizinho à necromancia. Diderot e D'Alembert haviam destronado a antiga rainha das ciências, reordenando o universo cognitivo e nele realocando o homem, deixando a divindade do lado de fora.

(*) Sua filiação é contestada, conforme Dictionaire des Franc-Maçons de Soulage & Lamant. O Ir.: historiador José Castellani, com base em pesquisas efetuadas no G.:O.:F.:, afirma que D'Alembert não foi maçom.

(**) Fundador da ARLS “Les Sciences”, junto com Lalande. Foram-lhe rendidas as “pompas fúnebres maçônicas”, no dia 24 de Janeiro de 1772, quase um mês após a sua morte (26 de dezembro de 1771).

SEGUNDA PARTE

L'ENCYCLOPÉDIE MÉTHODIQUE

Quando Panckoucke (ver referência no final) resolve materializar a vontade de Diderot, expressa em 1768, de editar uma Enciclopédia revista e ampliada, alcunhada de “Encyclopédie Methodique”, convoca toda uma equipe de filósofos de segunda geração sob a direção de Suard (seu cunhado), Condorcet (Loge Les Neuf Soeurs) e D’Alembert. Mas a nova travessia iria encontrar, já na saída, mar revolto. Em junho de 1778, um outro personagem de nome Deveria, livreiro de segunda classe de Liège, lança oportunisticamente um prospecto, endereçado de Amsterdã, e começa a captar assinaturas para uma “Encyclopédie Methodique”, com a proposta de reorganizar a original, por ordem de assunto e não apenas correção e ampliação do antigo texto. Panckoucke sente o golpe, principalmente porque Deveria não rejeita a visão filosófica predominante, ao contrário, propõe ampliá-la. Após recíprocas trocas de ataque, ambos resolvem chegar a um acordo. Os trabalhos de revisão e ampliação, conhecidos como refonte, foram temporariamente suspensos e Panckoucke consegue, às duras penas, convencer os editores de STN, até então reticentes, de que o acordo era um “bom negócio” para todos, posto que a idéia de Deveria – reorganização por ordem de assunto – era superior a deles. Assim, em Liège, foi assinado um contrato entre as partes litigantes e, enfim, o empreendimento pôde recomeçar. Panckoucke desfez-se de quase todos os seus outros empreendimentos, como a edição das obras de Rousseau e de Voltaire, recentemente falecidos, para se dedicar integralmente ao empreendimento, isto é, a “Encyclopédie Méthodique”, que se tornou o empreendimento máximo de sua carreira. Darnton escreveu “(...) talvez houvesse um laivo de sentimentalismo nos frios cálculos de Panckoucke (...). Ela fora o seu primeiro e grande projeto e tencionava que fosse o último, conforme afirmou à STN em julho de 1779”. Nesse período, ele já era o grande coordenador desse projeto que unia os editores de Neuchâtel e Liège. Estampou sua personalidade na obra, incorporando os projetos de Suard e Deveria a um plano que eclipsava ambos. “Essa será a verdadeira Enciclopédia”, costumava proclamar. Fez das deficiências da original o tema central de sua campanha para promovê-la. Iniciou seu primeiro prospecto com uma citação das “Questions sur l’Encyclopédie”, de Voltaire que, com um débil elogio, condenava a obra de Diderot, pronunciando-a “um sucesso, apesar dos defeitos”. Para reforçar ainda mais sua posição, colocava também o conselho do próprio Diderot, cujo relatório a respeito dos defeitos de sua obra poderia ser lido como uma propaganda favorável à segunda. Continuará reforçando o “Discurso Preliminar” que, segundo Panckoucke, acertara ao identificar a origem daquela concepção na nova abordagem do conhecimento e da natureza iniciada por Francis Bacon. Mas, o texto original não levava em conta essa percepção, pois seguia a ordem alfabética, em vez de organizar o material sistematicamente, ou seja, segundo o modo como o homem acumulava conhecimento e elaborava as ciências. Esse defeito seria sanado organizando a “Méthodique” em vinte e seis subenciclopédias, cada uma abrangendo um ramo do conhecimento. Assim, cada uma seria mantida em ordem alfabética. Dedicou-se à tarefa com uma postura que era, concomitantemente, a de um

administrador e a de um filósofo polímata, como sóia ficar bem a um filósofo do Iluminismo. A seguir, Panckoucke passou a reunir uma equipe de enciclopedistas. Fez visitas às Academias e salões parisienses, recrutando o melhor homem que pudesse encontrar em cada assunto a ser abordado.

A ORGANIZAÇÃO DA “MÈTHODIQUE”

A nova Enciclopédia em gestação seria organizada inovadoramente em relação às anteriores (“in-folio”, “in-quarto” e “in-octavo”), ou seja, segundo o modo como o homem acumulava conhecimento. Seria dividida em 26 subenciclopédias, abrangendo todos os conhecimentos acumulados até a época, da matemática e física ao comércio e “artes e ofícios”. Em cada subenciclopédia, seria mantida a ordem alfabética. Cada autor iniciaria seu dicionário com uma “table d’analyse”, expondo os principais conceitos de sua ciência e a ordem segundo a qual cada verbete deveria ser lido pelos que buscassem uma visão sistêmica do tema. Por exemplo, o leitor que desejasse uma introdução à física iria ao dicionário de Monge e começaria com o verbete “movimento”, passando para “velocidade”, “força”, e assim por diante, na ordem recomendada pelo autor. Outro leitor, talvez, desejasse saber o que é o “ar”. As experiências de Lavoisier tornaram essa questão fascinante para muitos franceses instruídos, que perceberam o colapso iminente da velha teoria dos quatro elementos, mas não conseguiam compreender a revolução na química, responsável pela derrocada da antiga visão do Universo. O leitor em dúvida deveria procurar o dicionário de química, de física ou de medicina? Panckoucke explicava que ele deveria ir direto à vigésima sétima parte da “Encyclopédie Méthodique”, no “vocabulaire universel”, que não apenas serviria de índice para toda a obra, mas constituiria também um dicionário dos dicionários, um supremo repertório de todas as idéias e palavras da língua francesa, cada uma delas definida e classificada segundo seu lugar na estrutura do conhecimento. Então, o “vocabulaire universel” mostrava que o “ar” aparecia como substância no dicionário VI (química) e como um elemento ativo no dicionário II (física). Evidentemente, ele não se preocupava de a mesma coisa ser tratada de maneiras contraditórias em diferentes dicionários ou de que as visões contraditórias entre os cientistas e os filósofos pudessem não ser removidas pela cuidadosa ordenação e distribuição da obra. Panckoucke não se angustiou com a base epistemológica do empreendimento. Sua abordagem era taxionômica e organizativa. Os homens que ele encarregou dos recortes e classificação também elaboraram um “índice das palavras comuns e equívocas” que cada autor consultava para evitar repetir ou contradizer o trabalho dos colegas. No final, portanto, todas as partes se encaixariam em um todo harmonioso, formando a corrente ininterrupta de todo o conhecimento. O projeto dele foi permeado por uma preocupação quase linear com a denominação e a catalogação e por uma convicção, compartilhada pelo Ir.: Condorcet, de que o conhecimento era progressivo, coerente e redutível às dimensões de uma única súpula e que teria o dobro do tamanho do compêndio original de Diderot. Um espírito mordaz da época, Jean François La Harpe, que chegou a pertencer ao círculo mais íntimo de Panckoucke, observou, com sua costumeira mordacidade, que um “espírito” de partido ditara a escolha dos enciclopedistas.

DUAS GERAÇÕES DE ENCICLOPEDISTAS

O que distinguiria os enciclopedistas de Panckoucke dos de Diderot? Essa questão implica a possibilidade de comparar dois grupos de intelectuais: os homens que expressavam o Iluminismo na França, em meados do século, QUANDO O MOVIMENTO IRROMPEU EM PÚBLICO, e seus sucessores, no ocaso do Antigo regime, QUANDO O MOVIMENTO CONVERTEU-SE EM REVOLUÇÃO.

Os enciclopedistas compuseram, nas duas épocas, um grupo bastante heterogêneo para serem considerados representantes de toda uma geração de intelectuais. A “Enciclopédia” de Diderot foi reconhecida, já em sua época e desde então estudada, como a suprema expressão do Iluminismo. A “Méthodique”, que praticamente não foi estudada, consistiu em uma tentativa consciente de ampliar a obra de Diderot. O fundamento de ambas era a audaciosa mensagem de D`Alembert baseada na utilização da razão. Os autores de ambas compartilharam da mesma “crença” na razão, por mais que possam ter discordado em outros assuntos. São dois gigantescos produtos, intelectualmente comparáveis.

Pesquisas elaboradas por historiadores identificaram 160 colaboradores de Diderot. Panckoucke arrolou 73 homens, em 1789, como “auteurs de l’Encyclopédie actuelle”. A comparação da distribuição etária nos dois grupos mostrou claramente que os enciclopedistas da “Méthodique” constituíram uma nova geração. Quase metade dos autores encontrava-se na casa dos 20 ou 30 anos em 1782, e apenas dezesseis tinham mais de 50 anos. A média de idade era de 41 anos. Panckoucke, que fez 46 anos em 1782, pertencia ele mesmo à geração revolucionária dos enciclopedistas, em contraste com Diderot e D`Alembert, mortos em 1784 e 1783, com respectivamente 70 e 65 anos. Os primeiros enciclopedistas pertenciam à França de Luís XV. Se, em 1782, houvessem todos sobrevivido, a média de idade saltaria para sessenta e seis anos. Embora a “Méthodique” fosse apresentada como continuação da Enciclopédia anterior, apenas oito dos seus autores haviam contribuído para o texto original e cinco para o “supplement”. Mesmo antes de a Revolução transformar o seu mundo, os últimos enciclopedistas julgavam-se artífices e participantes de uma nova era. Em ambas as obras, houve significativa incidência de membros do primeiro e segundo estados, levando-se em consideração que sua participação na sociedade francesa era de apenas dois por cento. Isto é significativo porque a obra é tratada como burguesa por muitos autores. Ainda assim, os clérigos e os nobres que colaboraram na “Méthodique” não podem ser tomados como típicos de suas ordens. À exceção de Bergier, todos os clérigos eram abades, isto é, fizeram votos religiosos, mas levavam vida de seculares, seja como professores, advogados, jornalistas, etc. Entre os nobres, não havia grandes aristocratas. Pierre-Louis Ginguené era letrado e empobrecido. Condorcet, Fourcroy e Lamarck, labutavam arduamente como cientistas; Jean Gerard de Lacuée, conde de Cessac e François-René-Jean de Pommereul eram oficiais do exército. Todos os enciclopedistas nobres destacavam-se como sábios e não como grandes senhores. Da primeira para a segunda Enciclopédia, previsivelmente, a proporção de nobres caiu para a metade. Mas não dá para dizer que houve aburguesamento, porque os colaboradores burgueses parecem ter sido tão estranhos ao capitalismo quanto seus nobres colegas com relação ao feudalismo. Nenhum deles tinha ligações com a manufatura ou a indústria e apenas um exercia atividade no comércio, o livreiro Lacombe, que era mais um escritor mercenário do que um homem de negócios. Mas, como escreveu Albert Soboul, “a filosofia dos luminaires, própria para a burguesia, possuía tal largueza de vistas e assentava-se tão solidamente sobre a razão que, ao criticar e depois contribuir para a queda do velho regime, dirigia-se a todos os franceses indistintamente”. Ou, ainda, Jean Starobinski, (...) “de todos os princípios elaborados abstratamente pelos teóricos de 1789, permanecem aqueles que

convêm à nova classe dirigente”. Cerca de seis por cento dos primeiros enciclopedistas eram artesãos, mas não eram operários na acepção moderna do termo, eram mestres artesãos que fabricavam relógios, flautas, redes e jóias. A diferença mais significativa entre os dois grupos de enciclopedistas refere-se às categorias de grupos profissionais: médicos, advogados, professores e “savants”. Panckoucke usou quase três vezes mais advogados do que Diderot e cinquenta por cento mais médicos. Os “savants” eram os professores de matérias técnicas e os que hoje seriam chamados de acadêmicos e cientistas, inclusive uma disciplina que começava a ganhar foros de ciência, a Economia Política, em fase bem embrionária, ainda.

Os sábios de Panckoucke compuseram vinte por cento dos colaboradores, em contraste com os seis por cento na obra de Diderot. Os advogados, professores, médicos e sábios compuseram setenta por cento dos novos enciclopedistas. Eles se misturavam e pertenciam ao mesmo mundo, um mundo em que o conhecimento estava sendo dividido em campos dominados por alguns peritos eminentes, mostrando o quanto o profissionalismo avançava na segunda metade do século XVIII. Todavia, o que Panckoucke ganhou em especialização, perdeu em filosofia. Os ausentes foram Diderot, D’Alembert, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Turgot, Quesnay e D’Holbach, isto é, as grandes figuras da primeira Enciclopédia que haviam morrido ou estavam com idade muito avançada para continuarem contribuindo com outra obra de peso. Os autores mais importantes da segunda geração foram: Monge (iniciado na “Loge L’Union Parfait du Corp Royal du Genie, Or.: de Mezières), Lalande (depois participa também da fundação da Loja “Les Neuf Soeurs”), Condorcet (Loja “Les Neuf Soeurs”), Guyton de Morveau e Lamarck, e eles tendiam, talvez à exceção de Condorcet que era ambos, a ser cientistas, na moderna acepção da palavra, e não filósofos, no estilo de Voltaire, Naigeon, que deixaram grandes contribuições para a segunda obra. Eles são os herdeiros intelectuais de Diderot e D’Alembert. Mas, a obra de Panckoucke celebrou o amadurecimento de uma nova geração de intelectuais e seu estilo difere significativamente da Enciclopédia dos filósofos.

A opinião conservadora, orquestrada pelo clero, os amaldiçoava com base em uma única tese que, por trás da “Encyclopédie”, havia uma conspiração urdida por uma sociedade secreta com o objetivo de destruir os fundamentos da sociedade monárquica, mediante o ataque a todas as instituições que lhe davam sustentação a começar pela Igreja Católica. Mais tarde, ela iria descobrir, no próprio pescoço, que a evolução comprimida em benefício da rotina dos privilégios, forjará a quebra da rotina em benefício da revolução.

PANCKOUCKE

Charles-Joseph Panckoucke era o mais poderoso editor da França e resolveu, a pedido da STN, levar adiante em todos os sentidos a idéia originária do livreiro Le Breton, que via no empreendimento a possibilidade de embolsar uma grande soma. Panckoucke era realmente uma figura singular. Misturava idéias religiosas, provavelmente recebidas de seus pais jansenistas, com as dos filósofos maçons, notadamente d’Holbach, o que não deixava de ser uma antinomia. Numerosos representantes de sua geração empenharam-se em forjar uma visão do mundo coerente, a partir de fontes incompatíveis. Mas ele parece ter alcançado uma filosofia exequível, sem grandes esforços, já que abordava seus temas como literato. Dizia ele (...) “o belo é um padrão fixo, representando o ápice no desenvolvimento estético do homem. Sua expressão tem variado, mas apenas como resultado dos diferentes graus de civilização no passado, tendo como ponto máximo a

Grécia de Péricles e a França de Luís XIV. A beleza será alcançada no futuro em proporção à capacidade de aperfeiçoamento da humanidade”. Apesar de não encontrar seu nome nos “Dictionnaires” franceses, alusivos aos maçons, o tema da liberdade inspirou-o a refletir sobre a “necessidade de vencer as paixões” e não sobre questões sociais e políticas. “O homem torna-se livre quando tem o espírito mais cultivado (...), quando faz um grande uso da razão e de suas luzes: de maneira que se pode dizer que há tanto mais dessa liberdade de que falamos, quanto à sociedade em que se vive é mais aperfeiçoada, quando as artes e as ciências são mais florescentes”.

É surpreendente que seu nome não figure nos “Dictionnaires”, pois o que vimos acima foi a expressão de uma visão “escocêsista” que em nada fica a dever a de um “modernista”.

CONCLUSÃO

Em dezembro de 1781, os prospectos da nova Enciclopédia – a “Méthodique”- foram lançados e, em 1789, não havia publicado sequer metade do empreendimento quando o destino dela ligou-se ao da França Revolucionária. Foi a fusão de uma teoria que queria revolucionar o mundo com a explosão luminosa de uma Revolução que transformou a organização da cultura, tanto quanto a sociedade e a política. Por volta de 1830, foram lançados os últimos prospectos da “Méthodique”.

Quanto aos enciclopedistas, após se dispersarem durante a fase inicial da Revolução, reagruparam-se, pouco mais tarde, nas “Grandes Écoles” e no “Institut” onde foram organizados segundo suas áreas de especialização. Juntaram-se como profissionais a serviço da nação, e não como epígonos de um corpo privilegiado. O grupo se transformou, embora os indivíduos permanecessem o mesmo.

Condorcet, perseguido pelo Terror, notadamente por Marat (iniciado na Loja Maçônica “King Head Jeward”, Or.: de Londres, da qual foi “Maître” em 15 de julho de 1774), preferiu suicidar-se, ingerindo veneno fornecido pelo seu cunhado - Ir.: Cabanis, Loja “Les Neufs Soeurs” / 1778-1783 -, a ser executado pelo instrumento – guilhotina - criado pelo Ir.: Joseph Ignace Guillotin, iniciado na Loja “La Parfait Union”, Or.: de Angoulême, e Ven.: da Loja “La Concorde Fraternelle”, Or.: de Paris.

BIBLIOGRAFIA

- O Iluminismo como Negócio – Robert Darnton – Cia das Letras;
- Dictionaire des Francs-Maçons – Michel Gaudart de Soulages e Hubert Lamant – Ed JClattes;
- Dictionaire Historique des Francs-Maçons – Jean Andrè Fauches – Ed. Perrin;
- Les Francs Maçons aux Etats Generaux de 1789 – Pierre Lamarque – Ed. Edimar;
- Voltaire – Pierre Lepape – Ed. Jorge Zahar;
- O Filósofo e o Comediante – Franklin de Matos – Ed. UFMG;
- O Rito Moderno, A Verdade Revelada – Frederico G. Costa e José Castellani – Ed. A Trolha;
- A Maçonaria Moderna – José Castellani – Ed. Gazeta Maçônica;
- A Revolução Francesa – Albert Soboul – Zahar Editores;
- 1789, Os Emblemas da Razão – Jean Starobinski – Cia das Letras;
- The Enlightenment – Roy Porter - Ed. Palgrave – NY;
- Pequena História da Inconfidência – Augusto de Lima Jr. – Edição do Autor.